



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

BARBARA DA CONCEIÇÃO AZEVEDO

**O CONCEITO DE SAGRADO EM MIRCEA ELIADE**

CAMPINA GRANDE/PB

2016

BARBARA DA CONCEIÇÃO AZEVEDO

**O CONCEITO DE SAGRADO EM MIRCEA ELIADE**

Artigo Apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba como Requisito Obrigatório para a Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientador: Roberto Pereira Veras

CAMPINA GRANDE/PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A994c Azevedo, Barbara da Conceição  
O conceito de sagrado em Mircea Eliade [manuscrito] /  
Barbara da Conceição Azevedo. - 2016.  
19 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Me. Roberto Pereira Veras, Departamento  
de Filosofia".

1.Religião. 2.Espaço sagrado. 3.Cidade. 4.Tempo. 5.  
Simbologia. I. Título.

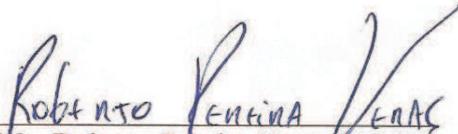
21. ed. CDD 291.2

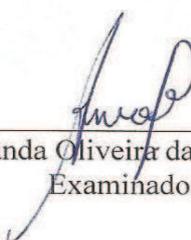
**BARBARA DA CONCEIÇÃO AZEVEDO**

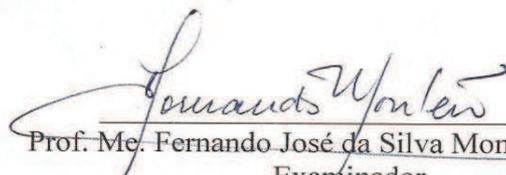
**O CONCEITO DE SAGRADO EM MIRCEA ELIADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 21/10/2016.

  
Prof. Me. Roberto Pereira Veras / UEPB  
Orientador

  
Prof. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes / UEPB  
Examinadora

  
Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB  
Examinador

“As religiões, assim como as luzes, necessitam de escuridão para brilhar.” (Arthur Schopenhauer).

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>0</b>
<b>6</b>	
<b>1. DO SAGRADO DE ELIADE AO LOGOS DE FRANKL: UM ESTUDO COMPARATIVO.....</b>	<b>07</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho foi analisar o conceito de Sagrado no pensamento filosófico de Mircea Eliade (1907-1986), sendo ele um dos grandes influentes nas pesquisas sobre o campo da religiosidade no século XX, é um dos mais importantes intérpretes do simbolismo religioso e do mito. Para tanto, este trabalho vem mostrar os conceitos adotados pelo filósofo romeno, bem como sua exposição acerca dos aspectos religiosos apresentados em seu livro O Sagrado e o Profano de 1959. Desta forma, iremos explorar algumas das experiências religiosas, mostrando a questão do espaço do eu, do tempo, a necessidade do homem religioso ter o Sagrado para ordenar e conservar sua existência. A argumentação do texto leva-nos a considerar o fenômeno religioso como sendo real, algo com grande influência sobre a vida do ser religioso. O significado tirado desta pesquisa se encontra na busca de um crescimento acerca da experiência religiosa nos tempos atuais, a oposição entre o Sagrado e o Profano e suas complexidades, ao longo da história, fazendo assim que a herança sagrada que recebemos no início da história faz com que venha a contribuir para nossos conhecimentos atuais. Assim procedendo, tentaremos apresentar perspectivas condizentes para um melhor aprofundamento do tema proposto.

**Palavras-chave:** Religião, Espaço Sagrado, Cidade, Templo, Simbologia.

## INTRODUÇÃO

Independentemente das diferentes formas de descrever a religião, existem aproximações. Apesar de serem múltiplas, assim como, se apresentarem a partir de notáveis diferenças umas das outras, no fim de tudo, todas tem o mesmo objetivo, mesmo que o início de sua busca religiosa seja diferente. Falando de início, dificilmente paramos para nos perguntar “de onde, e como surge a religião?”.

No século XIX, achava-se que a religião teria se iniciado através da História. Na metade do mesmo século XX, com novas pesquisas sobre o seu surgimento e através de vários estudos direcionados para a referente questão, foi no campo da linguística que se começou a perceber que a expressão da linguagem se tornava mais longínqua de que seus criadores.

Partindo desta indagação, o filósofo Romeno Mircea Eliade (nascido na cidade de Bucareste em 24 de fevereiro de 1907), através de uma vasta formação, tornou-se um poliglota formado em Filosofia, de família cristã ortodoxa, representando um dos mais influentes historiadores e filósofos das religiões na contemporaneidade. Considerado o atual fundador do estudo da história da religião, buscou demonstrar a necessidade de um método de pesquisa que fugisse do historicismo e que fosse direcionada para uma mistura de história, mitologia, teologia e instituições religiosas.

Mediante esta proposição, através de sua interpretação sobre o conceito de hierofania, Eliade se refere à existência como uma espécie de manifestação do sagrado. Essa referente manifestação é adquirida através da mente de quem nela acredita. Como nos esclarece Martins (2012), essa manifestação é proporcionada através da dialética que “se manifesta e se esconde. Desse modo, o movimento é sempre um dar-se a conhecer seguido de um afastamento. E é o próprio sagrado quem autoriza o humano a conhecê-lo, enquanto ele permanece em sua condição de totalidade” (MARTINS, 2012, p.3).

O sagrado se opõe ao profano, no entanto, só podemos ter o conhecimento do sagrado através da distinção com o profano, porque para termos o conhecimento de algo temos que conhecer o que ele não o é. Para Mircea Eliade hierofania é a revelação que acontece na

realidade profana, assim, torna-se necessário fundar o mundo para poder viver nele, relacionado à manifestação do sagrado como uma conexão fundante do mundo como mundo.

Para Eliade há duas modalidades de ser no mundo, respectivamente: o modo sagrado e o modo profano; fazendo uma distinção entre o espaço para o homem sagrado e para o homem profano. O espaço para o ser religioso é o não homorgânico, já que uma vez onde ocorreu uma teofania, ou seja, uma manifestação de Deus em um espaço para o ser religioso, este local é sagrado, são espaços distintos e ele é diferente do cotidiano, ao contrário do ser não religioso que se encontra na homogeneidade. O ser que não é religioso vive no caos, este local é relativo sem consistência, sem formas.

O ser religioso faz do espaço onde ocorreu a manifestação um lugar sagrado. Neste espaço absoluto, está a centralidade. O ser religioso sempre vai querer está no centro, no centro da vontade dos Deuses, desta forma, estando na região mais alta, localizada entre o céu e a terra.

O filósofo também cita a sepultura como um documento mais antigo. Ele comenta que os homens não fazem isso apenas pelo medo, “mas também pela vitória, pela esperança, afinal, o morto sepultado é plantado como uma semente na terra” (MARTINS, 2012, p. 5). A morte é um elemento importante no “estudo da origem das religiões” porque retrata uma forma de proteger a terra dos inimigos.

É muito provável que as defesas dos lugares habitados e das cidades tenham sido, no começo, defesas mágicas; essas defesas – fossas, labirintos muralhas etc. – eram dispostas a fim de impedir a invasão dos demônios e das almas dos mortos mais do que o ataque dos humanos. No Ocidente, na Idade Média, os muros das cidades eram consagrados ritualmente como uma defesa contra o demônio, a doença e a morte. Aliás, o pensamento simbólico não encontra nenhuma dificuldade em assimilar o inimigo humano ao Demônio e à Morte. Afinal o resultado dos ataques, sejam demoníacos ou militares, é sempre o mesmo: a ruína, a desintegração, a morte (ELIADE, 1992, p.47- 48).

## **1. DO SAGRADO DE ELIADE AO LOGOS DE FRANKL: UM ESTUDO COMPARATIVO**

A grande parte do homem moderno se encontra no espaço profano, com a sensação de não estar satisfeito, em uma busca diária de algo que lhe faça feliz. Ao buscarmos a felicidade, a satisfação nos bens materiais nos faz perceber um vazio. Desta forma, surgem as

seguintes indagações: Será que este desencantamento é a perda do valor espiritual na busca pela "verdade"? O homem como senhor, criador de si? Tudo isso faz do homem um ser confuso. Para melhor esclarecer este fato, buscaremos o esclarecimento através do olhar de Mircea Eliade e Viktor Frankl.

Como apresentamos inicialmente, Eliade mostra o mundo através de dois ângulos: o espaço sagrado e o espaço profano. No sagrado, encontramos um ponto fixo, um sentido no mundo, o porquê de existir uma organização, enquanto o profano vive em meio ao caos, não existindo um ponto fixo para se sustentar.

Os homens religiosos veem o mundo como criação dos Deuses e, com isso, surge o reconhecimento de uma santidade do universo, no qual ele faz parte.

De acordo com o autor, o procedimento religioso é definido por reconhecimentos de espaço, de tempo, da natureza e do próprio homem. O homem moderno tem o entendimento de tempo em uma forma homogênea e não religiosa. Já o arcaico, vê o mundo de forma heterogênea. Para este homem arcaico, qualquer coisa ou lugar pode vir a ser sagrado e permanecer sendo o mesmo, não sofrerá nenhuma mudança.

Como foi citado anteriormente, é através da experiência vivida pelo sagrado que faz daquele lugar um espaço a ser fundado, para dar sentido ao mundo e a sua existência. Deste modo, não há apenas uma existência humana, mas, uma dimensão que vai além do homem. Esta é a teoria de Mircea Eliade, onde ele mostra o argumento sobre o sagrado e o profano e a busca do sentido do mundo.

O segundo autor a ser estudado trata-se do austríaco Viktor Frankl, nascido em Viena, no ano de 1905, em uma família judaica. Desempenhou a função de médico psiquiatra e neurologista. Na Segunda Guerra Mundial, foi preso em quatro campos de concentração nazista. Viktor perdeu sua esposa, pais e um irmão na guerra. Deu a volta por cima e construiu sua vida como médico, escritor, professor e foi através da psicoterapia que ele encontrou o sentido para a vida.

A ideia inicial de Frankl busca a definição de que “o homem é um ente em busca de sentido”, onde a vontade do sentido é a fortaleza inicial para a existência do ser humano. Já a religião, surge como uma busca de finalidade última para o sofrimento.

Frankl interpreta o homem não apenas como o ser interno, mas como um ser que vive estabelecendo um conflito entre o ser interno e externo. O homem pode encontrar sentido através de outra pessoa, ou de uma causa, pois, o homem vai de encontro com o outro, seja ele alguém ou algo.

Para compreendermos a essência humana de uma forma ontológica dimensional,

A essência do homem por meio da ontologia dimensional, que aborda a totalidade do ser humano a partir de suas diversas dimensões, a saber: somática, psíquica e espiritual (noética ou noológica). Apesar das diversas dimensões, o autor considera o ser humano uma unitas multiplex, ou seja, unidade na multiplicidade, percebendo nele uma dimensão distinta do psicofísico: a dimensão espiritual ou noética (nous, do grego, que significa mente ou espírito) que seria a mais abrangente e integradora de sua ontológica (FRANKL, 1989, p.125).

Dito isto, o ser humano trata-se de um ser preso a uma religiosidade muitas vezes de forma inconsciente. Se a consciência é a descoberta da humanidade, se diferente dos animais somos dotados de consciência, esta é causa primeira do surgimento da religiosidade. Até mesmo negando a sua religiosidade o homem não consegue fugir de seu Deus pessoal. De acordo com o estudo dos sonhos de Frankl, o ser não religioso “encontra uma religiosidade, uma espiritualidade inconsciente do ser humano ou um relacionamento oculto com Deus” (1989, p.126). Ou seja, não existe Deus, mas minha consciência diz o contrário; segundo o autor podemos ter fé sem relacioná-la com um deus, pois, a fé pode ser demonstrada de uma forma incondicional.

Frankl mostra a igualdade entre a religião e a linguagem, pois, assim como não existe uma língua Mãe de outra língua, todas tem o mesmo grau de importância. Dito isto, a religião também não se demarca para o encontro com Deus.

Como já foi produzido um conhecimento acerca das ideias religiosas de Mircea Eliade e de Viktor Frankl, podemos fazer um paralelo entre os dois filósofos. Para Eliade, o homem busca a relação de si com o mundo; o centro do mundo é um templo onde é representado por Imago Mundi, ou seja, uma reprodução terrestre de um modelo transcendente; o cosmo pode ser representado no espaço sagrado onde o homem religioso tem a experiência de uma manifestação que permite a construção do mundo, enquanto o caos é a experiência de um espaço profano que se opõe a experiência do espaço sagrado; o lugar sagrado pode ser representado por qualquer objeto ou ser que ligue a terra ou céus; para Eliade vivemos em um mundo dessacralizado.

Enquanto para Frankl, o homem busca a relação com o mundo do dinheiro e no centro do mundo está a disputa do Imago Huminis; o cosmo é a busca de sentido que, para o autor, é o que transmite a existência. No entanto, o caos está ligado à falta de sentido existencial, ao vazio. O lugar para encontrar o sagrado está no inconsciente espiritual, nos valores existenciais. Assim, o sagrado se encontra em uma pessoa, em um sofrimento que esta enfrentou com êxito. Estes são os meios para alcançar o sagrado. Para Frankl, a situação do mundo atual está vivenciando uma repressão religiosa e sua perda de tradição.

O que podemos definir sobre Eliade e Frankl, sinteticamente, trata-se que os dois concordam que não há como entender o homem religioso de forma lógica, pois, a religiosidade se encontra na essência humana; quando o ser humano se encontra na dimensão noética procurando explicitar suas características essencialmente humanas e suas expressões inconscientes, expressa sua sacralidade como medida de uma essência. De acordo com Frankl, a religiosidade encontra-se no eu espiritual, na dimensão noética, porém, ela pode ser reprimida e, por consequência, fazer emergir o Deus do inconsciente; que para Eliade é o cosmo dessacralizado.

Ao explicar a religiosidade inconsciente e a dessacralização da religiosidade, vale resgatar o que Frankl (1988) disse sobre o sentido e o que Eliade (1999) concebe acerca do sagrado. Para o primeiro, o sentido não é escolhido, mas encontrado pelo homem em sua relação com o mundo, da mesma forma que o espaço sagrado para Eliade nunca é encontrado, mas é descoberto pelo homem. Para este último autor, o lugar sagrado representa o centro do mundo ou imago mundi. É no espaço sagrado que ocorre hierofanias e teofanias. (AQUINO et al. 1989 P. 128).

Independente da pessoa que sou, a religiosidade sempre estará presa em minhas entranhas. Seja de forma consciente ou inconsciente, necessitamos de uma essência para nossa existência. O ser humano pode ser capaz de conduzir sua vida junto com o seu deus ou pode ser um homem incapaz de encontrar respostas para o sentido da vida. Um ser infantil incapaz de ter uma experiência com o sagrado.

Quanto mais moderna a humanidade fica, mais ela se toma para si a condição de profana, assim, cada vez mais se distancia do sagrado e, por consequência, torna-se um ser vazio, ingênuo, uma presa fácil para “depressão/suicídio e a drogadição”. O ser humano precisa de algo determinante para sua existência, seja em sua dimensão espiritual, algo além de si mesmo, ou a serviço de um Deus. Quando o homem não está em nenhum destes planos de sentido, não consegue se encaixar em si mesmo, nem encontra seu objeto ou seu espaço no mundo.

Sendo assim, tanto a teoria de Frankl quanto a de Eliade, mostram que o ser humano está preso às raízes existenciais religiosas. Neste trabalho, vimos a abordagem de Eliade sobre a história do homem religioso dentro dos “mitos e ritos religiosos”, as essências dos fenômenos religiosos, os espaços sagrados, as modernidades e os seres profanos. Não tão distante dos pensamentos de Eliade, se encontra Frankl, que, com uma análise diferente, defende os fenômenos religiosos como uma extensão da vivência humana à procura do sentido da existência através da “dimensão espiritual”. Desta forma, para os dois teóricos, independente de religiões, a experiência e o sentido do ser com o sagrado ou com a vida espiritual continuam sendo formados.

Quando relatamos o espaço para o homem religioso, este espaço não é igual para todos os seres, mesmo que eles estejam em um ambiente semelhante, pois, o espaço que ocorreu uma hierofania, qualquer que seja, é visto como um valor que corresponde a “fundação do mundo”, então, para o homem religioso o espaço não é homogêneo. No entanto, o mesmo espaço, o mesmo ambiente para o homem não religioso é um local neutro, sem importância Sagrada, mantendo a homogeneidade do local.

Para entendermos melhor a não homogeneidade vivida pelo homem religioso no mundo, Mircea Eliade (1992), descreve:

[...] uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ele se encontra. “A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade o linear que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso” (ELIADE, 1992, p.28-29).

Para uma pessoa crente, a igreja é um espaço que tem um diferencial do resto dos outros espaços. Por enxergar nela a pertença de uma essência do sagrado e por ela ser um local que tem uma porta que a leva desse mundo, desse espaço profano, para levá-la para o espaço sagrado, ou seja, é a fronteira entre os mundos, isto é, um espaço que direciona o centro do mundo, o centro onde ocorre a possível comunicação com os deuses, foi citada a igreja. Isso ocorre em várias religiões e templos, qualquer espaço que ocorra uma hierofania, ou seja, um ponto no meio do imenso Cosmo, a abertura entre o céu e a terra, terra e mundo inferior.

Para o homem religioso, o seu mundo está em contato com o sagrado. Assim sendo, um cosmo ordenado onde “a habitação é sempre santificada, pois, constitui uma imago mundi, e o mundo é uma criação divina” (ELIADE, 1992, P.50). Portanto, todo espaço

habitado é sempre visto como um espaço sagrado, onde transmite o sentido sagrado, já que é a representação do mundo. Desta forma, o homem religioso situa-se cosmologicamente no local onde cria o seu próprio mundo, sacralizando o seu meio. Por isso que é tão difícil partir do ambiente que se habita, sair do seu ambiente e cortar raízes. Essa transferência significa uma nova criação, inicia-se novamente o caos, ou seja, um espaço desconhecido para transformar em cosmo, é um começo de uma nova existência.

Diante disto, podemos descrever o espaço como um ambiente não homogêneo, assim como, também podemos colocar o tempo neste mesmo grupo, já que ele não é homogêneo e, muito menos, contínuo. Porém, segundo Eliade (1992) “existe intervalo no tempo sagrado” (p. 63). Porém, continua salientando o autor, que o homem religioso não fica preso no tempo, já que os ritos do homem que crê podem abandoná-lo da condição do tempo profano e viver o tempo sagrado. O tempo, para quem vive de forma religiosa, é um constante movimento de forma circular, pois, o tempo mítico primordial é uma “espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente mediante o artifício dos ritos” (p.64).

O tempo e o Cosmo sempre estão juntos na medida em que o cosmo “termina” incompleto. Porém, quando o ano novo chega o cosmo se recupera para voltar ao seu círculo de nascimento e morte anuais, para o homem moderno, essa versão desacralizada está no desejo que o ano novo venha com melhores mudanças, avaliações do que se fez de errado para poder mudar e renovar essa vontade, essas renovações ocorrem a cada ano que passa.

Para o homem religioso, a sacralidade vai muito além de um lugar onde ocorreu uma manifestação ou um objeto que simbolize a própria, a dimensão religiosa está refletida em todo o cosmo onde a natureza é cheia de sacralidade, já que o cosmo nada mais é do que obra de Deus onde:

Esta obra divina, guarda sempre uma transparência, quer dizer, desvenda espontaneamente os múltiplos aspectos do sagrado. O céu revela diretamente “naturalmente”, a distância infinita a transferência dos Deuses. A terra também é transparente”: mostra-se como mãe e nutridora Universal. Os ritmos cósmicos manifestam a ordem, a harmonia, a permanência, a fecundidade. No Conjunto, os Cosmos e ao mesmo tempo um organismo real Vivo e sagrado: revela as modalidades do ser e da sacralidade. Ontofania e hierofania se unem (ELIADE, 1992, P.99-100).

Mesmo com toda essa transparência, o homem, se afasta cada vez mais do divino e encontra outras religiões, onde envolve as suas prioridades “culturais e econômicas”, algo mais concreto. Porém, como a religião, a crença está presa na raiz da mente humana, em

momentos de aflição na busca pela harmonia, o homem sempre retorna ao divino, seja por causa de sua origem religiosa ou simplesmente pelo temor.

O homem, no geral, se percebe como um dominador de si mesmo. Os modernos que não são “dominados pelos deuses celestes”, (ELIADE, 1992, P.108) mesmo sem saber estão presos a símbolos, mitos e ritos. Como nos esclarece Eliade (1992), o Sagrado Celeste permanece ativo por meio do simbolismo. “Um símbolo religioso transmitindo sua mensagem, mesmo quando deixa de ser compreendido, consciente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência” (ELIADE, 1992, p.109).

Um exemplo disso está na natureza, pois, por mais descrente que seja o homem moderno, este tem um carinho muitas vezes inexplicável para com ela. A dessacralização da natureza dificilmente é completa no homem moderno, existe esse sentimento religioso mesmo que de forma pequena e meio apagada.

Tratando-se de natureza e de religião, voltamos para as hierofanias cósmicas, como uma pedra e suas revelações. A pedra é um símbolo muito forte de representação hierofânica, onde representa o poder permanente, já que não muda, se mostra e se faz conhecer. A pedra nunca deixará de ser uma pedra. Mas, para aquele ser religioso, a pedra pode vir a se revelar como sacralidade. Uma ligação de uma realidade que não pertence ao nosso mundo como objeto que está integrado ao nosso mundo profano. É meio incomum para o homem não religioso acreditar que existem pessoas que possam não cultuar ou venerar, mas, acreditar que o sagrado está manifestado através de uma pedra.

Como entender os costumes e, principalmente, como funciona a essência mental de um homo religiosus? Para uma melhor compreensão da essência mental do homem religioso, é necessário pensar como eles entram no seu interior. Para podermos analisar, o primeiro passo seria conjecturarmos que os deuses criaram o mundo e o mundo está vivo e, com isso, basta para provar sua existência; segundo passo, parte da afirmação que, assim como o cosmo foi criado pelos deuses e nós fazemos parte desse mundo, então o ser religioso se enxerga no Cosmo através da sua existência.

Tentemos compreender a "situação existencial daquele para quem todas essas correspondências são experiências vividas e não simplesmente ideias” (ELIADE, 1992, p.136). O homem religioso vive no meio de uma passagem aberta, “transumana”, um estado

do ser, alinhamento que o une com o mundo; o homem religioso sabe que faz parte do Cosmo, portanto, ele não é um ser inconsciente confinado ao cosmo. Ao contrário, ele tem consciência de sua existência humana e usa o universo para conhecer a si mesmo. A religião o deixa preso ao inconsciente, ela traz ao homem religioso um complemento de si mesmo, transformando-o em um ser completo.

Para o homem religioso, há uma abertura que liga-o ao cosmo, o seu corpo, sua casa, com os deuses. Atravessando o conhecimento do mundo, faz com que o homem transcenda para dentro de si mesmo, onde surge os questionamentos, a exemplo de "como surgiu a origem do próprio ser?", "quem será o responsável pela experiência da nossa vida?". O filósofo descreve essa experiência como algo “transumano” ou experiências abertas, podemos descrever essa experiência como Deuses ou como Deus.

Para alguns religiosos, as experiências, fazem com que o homem se afaste do Sagrado, porém, para Eliade (1992), o cosmo é o principal meio de se conhecer a si mesmo. Para entender este mundo sagrado, precisamos ter a consciência que as experiências do nosso cotidiano, sejam de forma isolada ou em grupos, são propensas a “transformá-los em sagrados”. Alguns dos exemplos a seguir explanam bem esta ideia:

[...] os alimentos são considerados sagrados, ou um dom divino. [...] A vida sexual é ritualizada e, por consequência, assimilada aos fenômenos cósmicos (chuvas semeadura, e aos atos divinos (hierogamia Céu- Terra) por vezes, o casamento é valorizado no plano triplo: individual, social e cósmico (ELIADE, 1992, p.139).

Diante disto, podemos dizer que, de acordo com o homem religioso, o mundo existe porque foi criado pelos deuses, pois, como o mundo existir; isso prova sua existência. E a existência do mundo faz com que o Cosmo seja um reflexo dos deuses. Entretanto, essa aproximação do mundo só está presente no território do homem arcaico. Para o homem moderno, o cosmo não tem uma atividade, não existe uma passagem, é algo sem transmissão, isto é, não tem valor cosmológico. Neste caso, “o que permite supor que, mesmo para o homem cristão autêntico, o mundo já não é sentido como obra de Deus” (ELIADE, 1992, p.146).

Eliade nos propõe diferentes formas de perceber o cosmo, onde “o universo, o templo, a casa, o corpo humano - é provido de uma “abertura” superior”, ou seja, é a transição de um espaço para outro, um rito de passagem onde ocorre o abandono, é o fechamento de um processo para abrir uma nova possibilidade. Entretanto, tem um processo para o simbolismo da passagem, pois “uma vez nascido, o homem ainda não está acabado; deve nascer uma

segunda vez, espiritualmente; torna-se homem completo passando de um estado imperfeito, embrionário, a um estado perfeito, de adulto” (ELIADE, 1992, p.147).

Sendo assim, o ser que não passa pelo rito de passagem, ele não nasce novamente, ele não tem uma profundidade espiritual. Não é tão fácil transcender aos “céus” ou paraíso, ou tantos outros espaços sagrados citados. Trata-se de uma questão espiritual forte; são vários os rituais importantes para o homem arcaico no livro que mostra os ritos de passagem, pois, existe uma ponte tão fina que parece “fio de cabelo”, “tem porta estreita para uns, enquanto a mesma porta para outros, é totalmente larga”; não é necessário apenas viver, tem que haver um aprofundamento para que o rito venha a acontecer. A vida tem início com a apresentação de um rito. Ao nascer, temos o ser que passa de um espaço a outro e, com essa abertura, faz com que o recém-nascido seja reconhecido por quem está a sua volta como um novo ser existente. No casamento, o ser já tem seu reconhecimento de ser vivo, porém, o homem sai de um grupo conhecido para o desconhecido. Entre eles, tem-se também a morte. Esta é mais complexa, visto que, a partir da morte, haverá enterro, isolamento, atos que implicam em nível simbólico de uma passagem, de uma renascença; no entanto, muitos desses rituais perderam os seus significados pelos homens modernos, já que muitos destes símbolos não são mais vistos como representações religiosas, uma vez que os homens religiosos se empenhavam por um ideal, por um símbolo religioso, onde sobram, apenas, pequenos respingos.

Como o autor descreve, o sagrado e o profano nos tempos modernos, em primeiro lugar, assumem o que muitos dos eventos atribuídos pelos homens religiosos das sociedades antigas foram ultrapassados. Com o passar do tempo e apesar disso, como foi citado acima, restaram respingos onde transformaram os homens modernos no que são hoje; já que faz parte de “nossa história”.

Com o passar do tempo as formas de compreensão sobre a existência humana e sua religião vão se modificando. Como já vimos: o homo religiosus tinha a crença de que havia uma “realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real” (ELIADE, 1992, P.164), para ele a vida é algo sagrado onde a existência do homem e do mundo vem dos Deuses e é através dos mitos que podemos manter as “obras divinas e semidivinas”. Com o passar do tempo e os avanços do homem, a religião surge com outro pensamento, onde o “negar a transcendência, aceita a relatividade da “realidade”, e chega até a duvidar do sentido da existência” (ELIADE, 1992, P.165). Já na

modernidade, o homem religioso se percebe como único responsável pela história. Para ele, só existe a humanidade onde o ser humano faz parte de um todo, onde para o ser humano ser livre tem que apagar até o último deus. O que é completamente impossível, é o vazio total do homem profano, uma vez que ele querendo ou não, sempre restarão respingos do homem religioso, mesmo apagando os significados religiosos, pois, como afirma Mircea Eliade, a religiosidade faz parte do ser. Mesmo em pequena proporção, a religiosidade faz parte do homem na sua complexidade, no seu inconsciente.

## CONCLUSÃO

Depois da exposição sobre o sagrado e o profano, chegou o momento de mostrar essas duas contraposições a fim de tirar as conclusões finais desse trabalho. Na obra *O Sagrado e o Profano* Eliade mostra sua preocupação com aspecto histórico do homem com uma percepção que transcorre nos períodos arcaicos em relação aos ritos de passagem simbólicos que consagram os objetos, o espaço do tempo.

Com o passar do tempo essas formas de compreensão sobre existência da religião humana cada vez mais se modificam e com isso o homem deixa de ser um sujeito que acredita na transcendência ou mesmo no ser sagrado para o surgimento de outros pensamentos onde surgem as dúvidas, a negação da realidade. Por outro lado, na modernidade o egocentrismo exhibe o homem como único responsável pela história, onde sua liberdade se encontra no esquecimento dos deuses. Porém, como descreve Mircea Eliade não há como apagar totalmente o pensamento religioso porque sempre restaram gotas dos significados religiosos. Sendo assim a teoria de Eliade vem nos mostrar que o ser humano está preso às suas raízes religiosas.

E como iniciamos este trabalho falando da busca da religião podemos concluir relatando que não importa de que forma se inicia, se é no amor ou no pavor, o que realmente importa é o que, ela se mostra no indivíduo, seja na manifestação do Sagrado no respingo que fica na alma, isto é a religião está além da sensibilidade e da razão, está no mais simples do objeto ao longínquo do além, está na certeza mais incerta.

## ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the concept of the Sacred philosophical thought of Mircea Eliade (1907-1986), and it one of the great influential in research on the field of religion in the twentieth century, is one of the most important interpreters of religious symbolism and myth. Therefore, this work is to show the concepts adopted by the Romanian philosopher, and his exhibition about the religious aspects presented in his book *The Sacred and Profane* 1959. In this way, we will explore some of the religious experiences, showing the issue of space I, of course, the need of the religious man to have the Sacred to order and preserve their existence. The argument of the text leads us to consider the religious phenomenon as real, something with great influence on the life of the religious. The meaning taken from this research is the search for growth on the religious experience in modern times, the opposition between Sacred and Profane and its complexities, throughout history, doing so the sacred heritage that we received at the beginning of the story is that will contribute to our current knowledge. In doing so, we will try to present consistent perspectives for better understanding of the theme.

**Keywords:** Religion, Sacred, Profane, Sacred space , City Temple symbology.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago Antônio de Avelar; FERNANDES, Ana Sandra [et. al.]. **Do sagrado de Eliade ao Logos de Frankl: um estudo comparativo**. – Estudos da Religião, v.26, n.42, jan./jun. 2012, p.119-1333.

MARTINS, Antônio Carlos Borges. **Sobre a Origem da Religião**. 2012.

MIRCEA, Eliade. **Mito e realidade**. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2006

MIRCEA, Eliade. **O Sagrado e o Profano**. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.